



Comunicação COVID19
Ponto de situação 5 abril

Domingo, 5 de abril de 2020



INFECTADOS CONFIRMADOS

11.278 CASOS DE COVID-19



754 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFECTADOS SUBIU 7,1 %



295 VÍTIMAS MORTAIS



29 VÍTIMAS

NORTE- 158

CENTRO-72

LISBOA E VALE DO TEJO- 58

ALENTEJO-0

ALGARVE-7

AÇORES-0

MADEIRA-0



75 CASOS DE RECUPERAÇÃO

4.962 AGUARDAM RESULTADOS

86.370 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 JAN.

1084 INTERNADOS/267 EM UCI

ATUALIDADE

Um avião, fretado pelo Estado português, aterrou hoje, em Lisboa, com equipamento médico proveniente de Pequim, incluindo 144 ventiladores e máscaras de proteção respiratória, destinados ao Sistema Nacional de Saúde.

Lay-off abrange quase 32 mil empresas, atinge 552 mil pessoas numa semana. Desde fevereiro foram despedidas 1471 pessoas.

Bruxelas dá luz verde a Portugal para apoios de €13 mil milhões às empresas.

Mais de nove mil julgamentos e diligências cancelados ou adiados.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA

Público – Curva “errática” da epidemia em Portugal intriga especialistas. Parada do Monte, Melgaço - Viver numa aldeia cercada com gente confinada entre quatro paredes. Em véspera de encontro com Marcelo, banca teme efeitos da crise para lá do verão. Pedro Sanchez no Público “A Europa está a arriscar tudo”. Saúde Mental: A incerteza quanto ao fim do isolamento é um claríssimo fator de risco”.

Público (online)- “Só vamos aprender a lição se morrer muita gente”, Laura Spinney, jornalista de ciência e escritora estudou o enorme impacto da crise provocada pela gripe espanhola de 1918 para o livro “Pale Rider”. Portugal prepara-se para testar imunidade da população ao coronavírus.

Diário de Notícias (online) - Portugal vai ter testes de imunidade. O que são e como podem ajudar a economia? Coronabonds e estado de emergência. A pandemia evolui e Costa também. "Pirataria", "caça ao tesouro". EUA usam métodos do velho oeste para conseguir máscaras.

Correio da Manhã - Vírus alastrá com falta de testes. Marcelo defende produção e ataca banca. Função pública com dois dias de tolerância de ponto na Páscoa. Aulas pela televisão ainda sem data.

Jornal de Notícias – Fechados em casa e sem dinheiro. Infantários preparados para abrir as portas em agosto. A luta de um hospital contra o tsunami viral. No Pedro Hispano, Matosinhos, há 68 doentes com COVID-19. "Afastei o meu bebé de mim para protegê-lo", Eunice está infetada e foi mãe pela quarta vez.

Jornal i (online)- Mais oito pessoas detidas e 63 estabelecimentos encerrados. Morreram 20 pessoas nas últimas 24 horas em Portugal devido à covid-19.

Observador (online)- A quem se dá prioridade se não for possível socorrer todos os doentes? Médicos preparam critérios para decidir. Toma lá, dá cá. Pirataria, faroeste,

material confiscado e compras em cash: a guerra pelos equipamentos de proteção. França. Quase um terço dos doentes morre em lares.

Semanário Expresso (online) - Teletrabalho. A covid-19 matou o horário das nove às cinco. Marcelo sai uma vez por semana, usa máscara e luvas nas compras (e passa Páscoa em Belém). Presidente visitou produção de tomate para mostrar "país que está a produzir". Políticos e ratings põem banca sob pressão. Bancos vão apresentando medidas (e BPI até paga pensões mais cedo)

Semanário SOL (online)- Detidas oito pessoas por desobediência nas últimas 24 horas. Número de mortos sobe para 266 em Portugal.

Notícias ao Minuto (online)- Portugal recebe 144 ventiladores; Vacina com 80% de êxito?

Jornal de Negócios (online) - Parlamento força Governo a criar proteção para sócios gerentes. Um alerta para o mundo: divórcios na China dispararam após a quarentena.

Jornal Económico (online)- Um plano Marshall está ao alcance da Europa, diz Poiares Maduro.

ECO- Atum, leite, água e congelados. Estas fábricas não param durante a pandemia. Da caça de hóspedes nas redes sociais aos saldos no Airbnb. Alojamento Local desesperado com o Covid-19".

Dinheiro Vivo- Excesso de cabrito e leitão não baixa o preço na Páscoa. Fábricas de bens essenciais reforçam produção ao limite. APB diz que foi governo a definir condições das linhas.

Revista Sábado (online). Porque é que o estado de emergência português está a correr melhor? Hospitais privados têm 112 infetados pela Covid-19.

Revista Visão (online)- Inquérito Nova SBE/VISÃO: Como estão os portugueses a reagir à pandemia?

TSF- Governo admite injetar mais dez mil milhões na economia. Quase 32 mil pedidos de lay-off. Governo antecipa pagamento de fundos comunitários aos agricultores.

Rádio Renascença- Cientistas australianos identificaram um medicamento que pode neutralizar o novo coronavírus em menos de 48 horas. Já funciona a Linha de Aconselhamento Psicológico. Vírus já matou mais 64 mil pessoas. Japão disponibiliza gratuitamente remédio experimental Avigan.

Antena 1- A nova Telescola vai ser feita através da RTP Memória.

SIC Notícias- Governo quer abrir escolas a 4 de maio apenas para o ensino secundário.

TVI 24- Mais de meio milhão de trabalhadores em lay-off. Covid-19 obriga a tomada de medidas excepcionais do INEM.

A PANDEMIA NA EUROPA E NO RESTO DO MUNDO

- Vírus já matou 63.437 pessoas e infetou mais de 1,16 milhões no **Mundo**.
- **Europa** ultrapassa os 45 mil mortos e mais de 620 mil infetados.
- **Espanha** decide prorrogar estado de emergência até 26 de abril.
- **Espanha** registou nas últimas 24 horas 674 mortes devido ao novo coronavírus, o terceiro dia consecutivo de redução, alcançando um total de 12.418 vítimas mortais.
- **Itália** registou hoje pela primeira vez uma redução do número de doentes nos cuidados intensivos, num dia em que se registaram mais 681 mortos, perfazendo um total de 15.362 vítimas mortais.
- **França** ultrapassa 7.500 mortos desde início da pandemia.
- Menos casos novos, mas mais vítimas mortais na **Alemanha**.
- Morreram mais 708 pessoas no **Reino Unido** e total sobe para 4.313.
- Milionários chineses do Alibaba doam mil ventiladores a **Nova Iorque**.
- Mais de 300.000 casos detetados nos **EUA**, 8.000 mortos.
- **Brasil** ultrapassa os 10.000 casos e regista 431 mortos.



FRASES DO DIA

“Esta também é uma luta da banca e a banca deve ao país (...) cada português contribuiu para viabilizar bancos”, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.

“Esta luta, o enfrentar deste surto, não é uma corrida de 100 metros, é uma longa maratona e temos de dosear muito bem as nossas energias, as nossas expectativas e o nosso esforço”, Marta Temido, Ministra da Saúde.

“Vivemos uma crise no presente e no futuro, sem saber ou suspeitar do desenlace. Queremos saber tudo, já, mas nem sequer sabemos se estaremos cá para contar. E, todavia, há tantos que sabem tudo!”, António Barreto, Sociólogo

“O valor do humano não está na suficiência nem na presunção. O real valor do humano está na generosidade e na entrega. Na procura e na humildade. Até na fragilidade. Por isso é preferível a incerteza do biólogo, a dúvida do virologista e a cautela do médico à certeza do político, à sofisticação do sociólogo e à garantia do economista.”, António Barreto, Sociólogo

“Não é o fim do mundo. Mas é o fim de um mundo. Do mundo em que tínhamos vivido até agora.”, Manuel Castells, Sociólogo.



MEDICAMENTO INIBIDOR DA COVID-19 EM TESTE NA AUSTRÁLIA É FEITO EM PORTUGAL

O Ivermectine é um desparasitante produzido pela farmacêutica portuguesa Hovione e está a mostrar eficácia contra o novo coronavírus em testes realizados na Austrália. É com cautela que Marco Gil, diretor comercial da marca, recebe a notícia de mais um

estudo, desta vez australiano, que investiga um medicamento que pode ser eficaz no combate à Covid-19.

O medicamento em causa é um velho conhecido da farmacêutica portuguesa. Trata-se do Ivermectin, um desparasitante usado desde os anos 80 do século passado para combater diversas doenças como a cegueira dos rios e grande parte da produção mundial é feita pela Hovione.

Em declarações à Renascença, Marco Gil recorda essa bagagem toda que o Ivermectin tem e que, de resto já valeu o prémio Nobel a dois investigadores pela aplicação em África salvando milhares de pessoas.

O diretor comercial da Hovione lembra que, "neste momento, têm de ser feitos estudos de fase três - já em pacientes - e terá de descobrir-se a dose terapêutica, para se apurar se, de facto, essa dose está dentro dos limites de toxicidade com que pode ser usado este produto", mas reconhece que o facto de se conhecer a molécula há décadas "acelera o processo".

Este responsável aponta para daqui a "cerca de seis a nove meses" o resultado de uma eventual eficácia do Ivermectine no combate ao novo coronavírus. A confirmar-se que é eficaz, a Hovione é capaz de produção em escala?

"Depende das quantidades e da população a tratar e evidentemente haverá depois limitações e um tempo de adaptação para conseguir aumentar de forma exponencial a produção caso venha a ser necessário."

Marco Gil garante que a empresa dará "obviamente" prioridade ao fármaco no caso de ser eficaz e que fará "tudo o que é humanamente possível para aumentar a capacidade de produção deste produto".

O Ivermectin não tem patente, é um genérico, por isso, a produção em escala também não deverá ser cara. O facto de existir há muitos anos no mercado "facilita o preço", e mais, "será um produto muito mais barato do que uma molécula nova neste momento em estudo", conclui.

Trata-se também de um medicamento seguro, sem efeitos secundários, mas, mais uma vez, Marco Gil trava expectativas exageradas, explicando que, se por um lado o Ivermectin "não tem efeitos secundários relevantes, sendo de administração segura, muito estudado há muitos anos, e, desse ponto vista traz a segurança de ser um produto com toxicidade baixa", por outro lado "dependerá muito da dose terapêutica que será necessário administrar aos doentes de a administrar estes doentes da Covid 19".

O estudo está disponível na página online da Universidade Monash, na Austrália, e conclui que o Ivermectine tem eficácia com um único tratamento e resultados visíveis em 48 horas. Mas estamos a falar ainda experiências até aqui em culturas de células em laboratório (in vitro) e não testes em humanos (in vivo).

Portugal regista este sábado 266 mortes associadas à covid-19, mais 20 do que na sexta-feira, e 10.524 infetados (mais 638), segundo o boletim epidemiológico divulgado pela Direção-Geral da Saúde (DGS).

O novo coronavírus, responsável pela pandemia da Covid-19, já infetou mais de um milhão de pessoas em todo o mundo, das quais morreram mais de 59 mil. Há ainda a registar mais de 229 pessoas de recuperaram.

Fonte: Rádio Renascença

JOSEPH E. STIGLITZ: "É UM MOMENTO CRÍTICO PARA O FUTURO DA EUROPA"

O Prémio Nobel de Economia acredita que a emissão de Eurobonds é necessária numa crise como a atual, mas alerta que essa etapa requer solidariedade que não existe na UE.

Joseph E. Stiglitz (Indiana, 1943) diz que algumas das medidas económicas dos EUA contra o coronavírus são importadas. Como a iniciativa de alguns países europeus de manter os funcionários formalmente vinculados à empresa durante as suspensões

temporárias de trabalho ", algo especialmente relevante nos EUA, onde a maioria dos trabalhadores tem seguro de saúde por meio do empregador". Infelizmente, a Europa não está a encontrar solução para replicar a grande vantagem dos Estados Unidos para enfrentar esta crise: emitir dívidas com as quais financia as medidas de resgate. "Acho que sim, devemos emitir os eurobónus, mas, por enquanto, não há solidariedade suficiente na Europa para apoiar essa medida", explica o Prémio Nobel de Economia a EL PAÍS durante uma entrevista por telefone.

Confinado na casa em Nova York, Stiglitz alerta que a indecisão europeia pode levar a uma desaceleração económica mais profunda se envolver uma reação "muito tarde e muito pequena": "Há muita preocupação com a viabilidade do projeto comum se, nesta crise, a Europa é incapaz de demonstrar a necessária solidariedade ".

O projeto europeu está em jogo?

Este é um momento para criar ou quebrar. A união solidificará se perceber que, no momento de necessidade de uma nação, os cidadãos europeus ajudaram. Mas o contrário também pode acontecer se alguns permanecerem tão egoístas como sempre foram e houver apenas palavras de conforto, mas não o que realmente é necessário, que é o dinheiro. Este é um momento crítico para o futuro da Europa.

Na Alemanha, existe o medo do voto dos eleitores na extrema direita se o governo compartilhar o custo financeiro da crise com os países do sul ...

Isso é algo que se refere ao grande erro de Angela Merkel em 2010 e 2011. Naquela época, ela não disse que os gregos trabalhavam mais horas do que os alemães nem que tinham que ajudar um parceiro europeu numa etapa muito difícil, não apenas por solidariedade, mas para ajudar os bancos alemães ... O que eles fizeram foi salvar os bancos, colocar a conta nos ombros do povo grego e classificar os gregos de preguiçosos. O que vemos uma década depois é a consequência desse discurso maniqueísta de passar aos gregos a culpa pelo dinheiro emprestado pelos bancos franceses e alemães. Mas tendo dito isso, a questão fundamental é, qual será o futuro

da Europa. Se não houver resposta adequada da Europa, o sentimento anti-UE em países como a Itália aumentará.

Estamos em um momento de ruptura com a doutrina do liberalismo económico?

Espero que sim. O erro fundamental do liberalismo está a ser demonstrado. Os mercados por si só não conseguem lidar com esta crise, é por isso que estamos a recorrer aos governos. Os mercados também não nos prepararam porque têm sempre uma visão incompleta dos riscos. Em 2008, foi provado que eles assumiram muito risco financeiro e essa crise é outra demonstração de excesso de risco. Nos EUA, os hospitais não tinham camas extras e as empresas operavam com sistemas de inventário just-in-time. Tudo bem surgir um problema. Então é um desastre. É como pegar o carro sem uma roda sobressalente. Os custos são enormes. Donald Trump propôs cortes de um terço na pesquisa científica a cada ano e reduziu o financiamento dos Centros de Controle de Doenças ... Esse corte irracional do setor público deixou-nos desprotegidos e despreparados. Acho que as pessoas perceberam que a razão pela qual os EUA não tinham capacidade de testar é o desmantelamento do setor público. A Coreia do Sul estava em uma posição muito melhor do que os Estados Unidos. Aqui em Nova York, estamos a sentir o custo de maneira dramática.

Na crise de 2008, também se falou em exaustão do modelo neoliberal e, no entanto, aqui estamos ...

Esse será o grande desafio da política. No meio dessa crise, os republicanos propuseram incrivelmente um fundo de US \$ 500 bilhões para empresas e muito pouca ajuda para as pessoas, que mais sofreriam. Foi necessária uma ação decisiva do Partido Democrata para obter uma lei que, de fato, será a provável salvação da economia. Portanto, um dos dois partidos claramente não aprendeu nada, mas minha esperança é que a maioria dos eleitores americanos tenham aprendido a lição e as consequências de ter um setor público subfinanciado. Mas será uma batalha política tão polarizada quanto qualquer outro debate que tivemos nos últimos três anos.

Fonte: El País

OS PRIMEIROS PASSOS APÓS O ISOLAMENTO: VOLTAREMOS À VIDA NORMAL.

Meia dúzia de especialistas explica como as medidas serão reduzidas. O início pode acontecer permitindo passeios na rua sozinhos ou com crianças.

À medida que a pandemia do Covid-19 progredia, países e organizações internacionais desenvolveram guias sobre as medidas a serem adotadas: detectar e isolar casos, quando deveriam começar o distanciamento social, como ... O que eles ainda não publicaram é um manual sobre como sair desse contexto. Não é uma ciência exata. Os especialistas admitem que isso dependerá de tentativa e erro, num processo no qual os governos aprenderão com os fracassos e os sucessos, tanto deles quanto dos outros.

Desde o confinamento, cidadãos e autoridades e pesquisadores têm como objetivo voltar ao normal. O EL PAÍS consultou meia dúzia de especialistas em saúde pública. Todos insistem que isso dependerá de como a epidemia progride e que será importante descobrir o grau de imunização da população, pelo menos teoricamente, porque mesmo nisso não há certeza científica. E para descobrir isso, serão necessários tesyes de imunização; muitos (milhões) e com qualidade suficiente, algo que, dado o mercado internacional, não é tão simples.

Os entrevistados também concordam que as medidas de degelo não serão tomadas de uma só vez. Quando os níveis de transmissão estiverem baixos o suficiente, a mão será gradualmente aberta, permitindo mais atividades e será verificada com uma vigilância muito rigorosa, se houver algum retrocesso. Não seria incomum, explicam os epidemiologistas, que existam medidas que precisem de ser revertidas. Há um exemplo na China, que abriu 600 teatros e cinemas e precisou fechá-los novamente em breve.

Também pode acontecer que eles não sejam iguais para todos. Como salienta Antoni Trilla, epidemiologista e membro da equipa consultiva do governo, é provável que os idosos ou pessoas com certas patologias tenham que prolongar o seu confinamento mais do que os jovens saudáveis. "Teremos que ajustar a idade, se tiver mais de 55,

mais de 60 ... o que todos sabem é que isso afetará aqueles com mais de 65 ou 70 anos". Trilla até fala sobre emitir algo como um "passe sanitário" para que pessoas que já tenham passado pela doença e, supostamente, tenham imunização, possam ingressar em uma vida normal, logo após passar no teste de anticorpos. É algo que países como a Alemanha ou o Reino Unido estão a estudar.

Isso seria especialmente útil na área da saúde, onde saber quais profissionais que tiveram Covid-19, seria crucial para dar a resposta. "Não teremos serviços até agora, mas haverá uma separação. Será necessário evitar o atendimento de sintomas respiratórios no mesmo local que outras doenças, para que os possíveis casos de Covid-19 não compartilhem as salas de espera com quem mais os utiliza: idosos e vulneráveis ", diz Ildefonso Hernández, professor da Universidade Miguel Hernández e porta-voz da Sociedade Espanhola de Saúde Pública (Sespas).

Alguns epidemiologistas também falam de uma possível diferenciação por comunidade autónoma. Nem todos estão a passar pelo mesmo momento da epidemia; portanto, pode fazer sentido que nem todas as medidas sejam idênticas e ao mesmo tempo para elas. Daniel López Acuña, ex-diretor de Ação Sanitária em Crise da Organização Mundial da Saúde (OMS), acredita que será "complicado" porque, para isso, as áreas devem ser "compartimentadas e seladas". "Se você começar a ir para ou de áreas quentes, corre um alto risco de reintroduzir o vírus em um local onde não estava mais lá", acrescenta.

No último relatório sobre medidas de distanciamento social do Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC), de 23 de março, recomendou-se decidir e anunciar à população uma data de término o mais rápido possível, embora ele tenha acrescentado que a agência está a estudar como essas estratégias devem ser concretizadas. Dependem de tantos fatores que qualquer previsão corre o risco de estar errada. O grupo de especialistas que assessorava o governo está em pleno debate; A OMS também publicará recomendações "nos próximos dias", segundo um consultor da agência. Ninguém sabe exatamente quais decisões serão tomadas ou quando chegarão, mas há uma idéia aproximada de como devem ser.

As primeiras saídas para a rua

Há unanimidade de que praticamente todo o mês de abril as medidas de contenção continuarão. O primeiro-ministro, Pedro Sánchez, anunciou no sábado que prolongará o estado de alarme por mais 15 dias até 26 de abril e que, de uma maneira ou de outra, irá muito além. Ele garantiu que o primeiro passo será voltar às primeiras medidas a partir do dia 11, recuperando as atividades não essenciais que foram canceladas há uma semana. A maioria dos especialistas consultados também está otimista de que em breve eles poderão abrir as mãos e começar a permitir passeios esporádicos e solitários, além de levar crianças para a rua. O ministro da Saúde, Salvador Illa, disse nesta semana no Congresso que essa possibilidade está "a ser estudada". "Eu acho que, por exemplo, seria possível começar a permitir o esporte muito em breve, sair correndo individualmente e de maneira controlada e separada, para que os pais possam caminhar com seus filhos, mesmo que seja perto de suas casas e em distâncias curtas, desde que eles garantam que o distanciamento social é cumprido", diz Pere Godoy, presidente da Sociedade Espanhola de Epidemiologia (SEE). "Permitir caminhadas pode ser o primeiro passo, mas com muita disciplina, à distância e sozinho", acrescenta López Acuña.

A próxima semana será fundamental para conhecer o progresso da epidemia e verificar a resistência das UTIs no momento mais crítico. Com essas informações em mãos, provavelmente será delineado até que ponto e quando restrições como essa serão flexibilizadas. "É preciso dar uma saída: as crianças pequenas não podem ficar em casa por tanto tempo, ou elas e seus pais ficam loucos", reflete Trilla.

De volta à escola

Mais e mais universidades já encerraram as aulas presenciais. Não está claro o que acontecerá com as escolas, cujo final do ano coincide aproximadamente com os prazos que os especialistas consultados consideram que um retorno seria sensato. Em geral, eles acreditam que, durante praticamente todo o mês de maio, as atividades que envolvem multidões serão muito limitadas ou até reprimidas. "Acho difícil voltar à escola este ano, porque, embora a doença em crianças seja geralmente leve, se o

vírus entrar em uma escola ou creche, todas elas serão infectadas, levarão para a família e se expandirão novamente. Godoy reflete. Dez comunidades autônomas já adiaram o EVAU para julho, assumindo que seria impossível realizar a antiga seletividade antes, enquanto outras 10 estão a aguardar para definir uma data devido a incertezas sobre o andamento da epidemia.

Retornando ao trabalho e teletrabalho

Assim como nem todos pararam de trabalhar ao mesmo tempo, nem todos retornarão ao trabalho ao mesmo tempo. "Acho que é necessário facilitar o mais rápido possível o retorno ao trabalho dos mais jovens e daqueles que já estão imunizados. Entre outras coisas, tentar sustentar a economia que sustenta todos nós ", afirma José María Martin Moreno, professor de Medicina e Saúde Pública da Universidade de Valência. "O critério sempre seria o de podermos fazer as coisas que nos aproximam o mais possível do normal e isso pode ser feito, mantendo uma certa distância social. É necessário estudar como isso é feito nessas atividades produtivas essenciais, para que eles possam voltar ao trabalho. Muitas são atividades ao ar livre, como a construção, ou setores altamente industriais, onde as medidas de distanciamento talvez possam ser mantidas ", explica Fernando Rodríguez Artalejo, professor de Medicina Preventiva e Saúde Pública da Universidade Autônoma de Madrid.

Os entrevistados concordam que o teletrabalho será estendido além do final do confinamento, sempre que possível. "Enquanto puder, ele ficará", diz Trilla. "Tudo o que pode ser feito em casa deve ser feito; e é bastante ", acrescenta López Acuña. "Não é adequado para todos, mas será cada vez mais consolidado, pois é capaz de minimizar as consequências de processos com doenças infecciosas contagiosas ou com fenômenos meteorológicos adversos", acrescenta Martin Moreno.

Bares, restaurantes e eventos

O retorno à vida social como a conhecíamos talvez seja o ponto mais difícil de se destacar para os especialistas em saúde pública. Eles insistem que isso dependerá da evolução da epidemia, da capacidade de realizar testes maciços e de controlar

minuciosamente cada caso suspeito, caso eles precisem ser isolados ou até recuar em algumas decisões. Uma opinião generalizada é que talvez, para começar, seja necessário reduzir a capacidade dos estabelecimentos. "Temos que nos acostumar a ser mais amplos", diz Trilla.

"Muitas dessas medidas parecem senso comum, mas precisam ser discutidas para se ter uma perspectiva, incluindo os próprios empreendedores: existem empresas nas quais, se a capacidade é muito limitada, não são lucrativas. Teremos que equilibrar isso com segurança para encontrar o equilíbrio. Também é necessário entender a psicologia da população: se eles perceberem que os estabelecimentos são limitados, perceberão que há um risco e talvez nem mesmo o façam", reflete Rodríguez Artalejo.

Ildefonso Hernández também menciona esse equilíbrio: "É difícil ter uma parte tão importante da economia fechada. Talvez, em princípio, com a chegada do bom tempo, você possa tirar proveito dos terraços, sempre com medidas máximas de higiene e lavagem constante das mãos pelos empregados".

É muito difícil prever datas em que tudo isso possa estar acontecendo, incluindo espetáculos e espetáculos desportivos. "Com as grandes concentrações sociais, seria extremamente cauteloso e não as permitiria ou encorajaria ao longo do mês de maio, porque existe o risco de amplificação da doença, e é isso que queremos evitar", acrescenta López Acuña.

"Certamente desfrutaremos de concertos, festivais e grandes eventos desportivos novamente", pensa Martin Moreno, embora acrescente, no início, medidas que até agora não eram usuais deveriam ser tomadas, como assentos menos densos, alocação de assentos e medidas de higiene que também envolvem o próprio público", que deve fazer parte da solução com comportamento adequado".

Como será o verão

"Será um verão muito familiar", diz Trilla. "Não será normal porque o turismo não se recuperará", continua ele. Podemos ir à praia? Quanto mais distantes as previsões, mais difícil é atingi-las, mas a opinião da maioria é sim. "É razoável pensar que se

poderá desfrutar de muitos ambientes de lazer ao ar livre, incluindo a praia, desde que não esteja superlotada", diz Rodríguez Artalejo.

Martin Moreno acredita que se a comparação dos verões nos últimos anos for usada como "normal", "será diferente": "Como mencionei, a densidade e a aglomeração diminuirão, principalmente em locais fechados. Mas espero que possamos ir à praia e estou convencido de que teremos grandes oportunidades de viver a vida com carinho e intensidade e de desfrutar de um dos benefícios desse período de confinamento: a melhor qualidade do ar e da água. diminuíram a poluição".

Fonte: El País

ITÁLIA PREPARA-SE PARA VIVER COM O VÍRUS

O governo projeta um calendário no qual nada começará a mudar até o final de maio.

O livro de instruções para esta crise, que a Itália escreve ao desmontar o dispositivo, indica que o pior já passou. É hora de projetar amanhã. Os contágios se estabilizaram e as mortes diminuíram ligeiramente. No Palácio Chigi, consideram que o equador do confinamento chegou e já estão preparando o calendário para a partida e reabertura do país. Um processo mais longo do que o Executivo verbaliza e estruturou em três fases. O primeiro, o de localizar e estabilizar o problema, enfrenta o trecho final. Depois, haverá uma longa convivência com o vírus e, finalmente, um terceiro estágio em que sua presença deve ser erradicada. Por muitos meses ainda estão faltando. E especialistas que aconselham o executivo alertam que as epidemias nunca ocorrem em uma única onda. O inverno de 2020 será muito longo.

O momento é incerto. O último decreto adia o debate de reabertura para 13 de abril. Mas ninguém duvida que isso vá além. Maio é o horizonte para as primeiras fendas da luz. Walter Ricciardi, membro do comitê executivo da Organização Mundial da Saúde (OMS) e consultor senior do Ministério da Saúde italiano, acredita que a normalidade

virá apenas com uma vacina. “Mas nem todos podemos ficar trancados indefinidamente até o final do ano. Precisamos encontrar um modelo que nos permita avançar em setores como a agricultura. Caso contrário, o que vamos comer? Alguns circuitos de produção devem poder iniciar. E atenção, essa não é a fase de tomar cerveja com os amigos, não é a hora de shows e discotecas. Estamos a falar da reabertura de fábricas com respeito pelo distanciamento.” Ninguém sabe quando essa fase será alcançada ainda. Os dados são melhores hoje, especialmente os de internações e óbitos na UTI. As estimativas realizadas pelo Instituto Einaudi de Economia e Finanças, com base nos dados diários oferecidos pela Proteção Civil e aceitando que possam ser imprecisas (em baixa), indicam três datas para aquela época: 5, 9 e 16 de maio. Depende das regiões. Nas previsões mais otimistas, Ligúria, Basilicata e Úmbria, por exemplo, poderiam ser alcançadas em 7 de abril. Em regiões como a Lombardia, no entanto, teremos que esperar até o dia 22 e na Toscana não chegaria até 5 de maio.

O plano de médio prazo é ativar uma onda massiva de testes que determinam quem já superou a doença e possui anticorpos por alguns meses para retornar à vida normal. Aqueles que sofreram um contágio podem fazê-lo mais cedo. Esse é o caminho que as regiões do Veneto (que comprou 700.000 testes sorológicos) e da Toscana (1 milhão de testes) já escolheram. Mas a maioria desses sistemas tem uma taxa de erro de 7%, como aponta o próprio Ricciardi. “Eles precisam estar cientes de que podem espalhar-se facilmente arrastando o vírus nas mãos ou na roupa. Não se pode baixar a guarda. Podem voltar ao trabalho, mas terão que estar muito atentos”, alerta o principal assessor do Ministério da Saúde italiano. A coexistência com o Covid-19 também será desenvolvida por meio do monitoramento e localização de aplicativos para pacientes como aqueles já disponíveis em países como a Coreia do Sul. O governo já recebeu dezenas de propostas de empresas de tecnologia, apontam fontes do executivo.

Além do problema de saúde, a Itália trabalha duro em cenários econômicos. O país tem uma dívida pública de 135% e já mobilizou 450.000 milhões de euros para esta crise. Lorenzo Codogno, economista e ex-secretário do Tesouro italiano, aponta para

uma contração "muito violenta" do PIB entre 10% e 11% que não começaria a subir até o terceiro trimestre. A recuperação pode ser mais rápida do que em outras crises. Vai depender da indústria, haverá muitos constrangimentos. Os orçamentos de famílias e empresas precisarão ser bem ajustados. Haverá uma grande perda de poder de compra. "A reconstrução económica terá duas fases. O imediato será parar a crise financeira, apontam fontes do executivo. "O risco é criar uma situação como em 2008 e 2011, em que os mercados caíram, o prémio cresceu e os países mais fracos, como Itália e Espanha, entraram em um círculo vicioso do qual é difícil escapar". Codogno acredita que "sem Eurobonds, sem capacidade fiscal centralizada, a única maneira será ativar uma linha de precaução de crédito do MES [Mecanismo de Estabilidade Europeu] e abrir caminho para uma intervenção ilimitada do BCE [Banco Central Europeu]". Somente assim a crise financeira pode ser parada. A segunda fase será a da reconstrução da economia. E deve haver recursos europeus em cima da mesa. Pode ser através de coronabonos, dentro do MES ou do BEI [Banco Europeu de Investimento], com programas de ajuda a empresas ... A velocidade é crucial. No Eurogrupo da próxima terça-feira, todas as opções devem ser especificadas e até o final da próxima semana deve haver soluções".

Um longo calendário - em muitos aspectos, o verão chegará - que ainda exigirá sacrifícios dos cidadãos, sem poder oferecer um horizonte claro de recompensas.

Fonte: El País